



## **O Rock Psicodélico e a Cultura das Drogas**

Marina VARELA  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### ***RESUMO***

Este artigo analisa as capas de disco do rock psicodélico, gênero musical que orquestrou o movimento de contracultura. Para realizar tal análise utilizamos o método da iconografia e iconologia proposto por Erwin Panofsky. No estudo, assumimos como hipótese que o rock psicodélico e o universo surreal da psicodelia, juntamente com a quebra dos valores da década de 1960, influenciaram a elaboração artística das capas dos álbuns deste gênero musical.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rock Psicodélico; Capas de discos; Iconografia; Iconologia.

### **Introdução**

A década de 1960 foi um período de grandes mudanças culturais e ideológicas. A juventude com seus ideais de liberdade e autenticidade e o movimento de contracultura com sua ideologia alternativa e de coletividade deram uma nova feição ao mundo. Um importante instrumento para dar voz a toda essa liberdade e comunhão foi a música, em especial o rock.

Surgia, nesta década, nos Estados Unidos e Reino Unido; um subgênero do rock que se espalhou rapidamente pelo mundo todo, o rock psicodélico. O novo estilo se desenvolveu de um desdobramento do Rock and Roll, acrescentando influências orientais, como a cítara e escalas hindus, distorções e pedais de efeitos. Suas canções espelhavam as tensões das guerras, como a do Vietnã e do pós-colonialismo britânico, trazendo nas letras referências a rebeliões, protestos sociais, sexo e principalmente drogas.

Desempenhando um papel importante na sociedade, o rock psicodélico se tornou um elemento cultural agregador de massa ao se associar ao movimento de contracultura. A busca do estilo de vida underground e à margem do sistema oficial fez com que este movimento adotasse uma caracterização diferente da vigente na época com roupas coloridas, misticismo oriental e o uso de drogas. Seus seguidores buscavam contestar os sistemas de ensino das sociedades e as culturas em diversos aspectos, como a sexualidade, os costumes, a moral e a estética.

A cultura psicodélica foi integrada ao movimento de contracultura e a ideologia lançada pelo movimento influenciou e ainda influencia muitas subculturas por todo o mundo.



Para Chico Homem de Melo (2006) o psicodelismo traduz uma demanda por complexidade que emerge com grande força nos anos 60. Dentro deste contexto, os designers psicodélicos rejeitavam o modernismo como influência padrão da época, para a criação de suas artes. Eles buscavam suas inspirações baseando-se em tudo o que acontecia ao seu redor, essa representação mental surgia muitas vezes por meio de alucinações motivadas por drogas alucinógenas.

A intenção da linguagem visual inspirada nas drogas era obter imagens e textos altamente coloridos e contrastantes, se expressando pela expansão sensorial. Estes elementos eram dispostos sem uma diferenciação de planos, que proporcionavam uma equivalência entre elementos positivos e negativos, produzindo uma vibração óptica para o observador. O objetivo deste movimento é caracterizado pela percepção de aspectos desconhecidos, inusitados e a criatividade sem limites. O uso de drogas psicodélicas seria um modo de abrir estes campos onde se pode ter experiências semelhantes a alucinações, mudanças de percepção, sinestesia, estados alterados de consciência semelhantes ao sonho, psicose e êxtase religioso.

A arte psicodélica já existia desde da descoberta do LSD por Albert Hofmann, na década de 1940, mas ganhou força com o movimento de contracultura quando os artistas da década de sessenta e setenta começaram a implementar estes elementos psicodélicos em pôsteres de concertos, capas de álbuns, lightshows, murais, histórias em quadrinhos e jornais. As características desta arte são padrões de fractais ou caleidoscópicos, com cores brilhantes e/ou altamente contrastantes. A arte ainda apresenta elementos inspirados pela Art Nouveau, Victoriana, Dadaísta, Pop Art, Op Art e Horror Vacui. O movimento de arte psicodélica pode ser considerado semelhante ao movimento surrealista em que prescreve um mecanismo para obter inspiração. Considerando que o mecanismo de surrealismo é a observância dos sonhos, um artista psicodélico transforma a alucinações induzidas por drogas.

O corrente estudo investiga justamente como esses elementos da psicodelia se fundiram com a cultura das drogas e mostrem-se refletidos nas capas dos discos. Para tanto, serão analisadas quatro capas de discos lançados em uma época marcante do rock psicodélico, a de meados 1960 e começo de 1970. Serão analisadas as capas dos álbuns: *Axis Bold as Love* (FIG. 2) de The Jimi Hendrix Experience, *Cellophane Symphony* (FIG. 3) de Tommy James and the Shondells, *Disrael Gears* (FIG. 4) de Cream e *Odgen's Nut Gone Flake* (FIG. 5) de The Small Faces.

### **Leitura das capas de discos pela iconologia e iconografia**

Ecoando estudos que tratam desde Disney World a arte contemporânea, o método iconológico de Erwin Panofsky se tornou amplamente difundido no mundo, após a sua migração da Alemanha aos Estados Unidos. O método iconológico de Panofsky nos



remete mais à trajetória historiográfica do autor do que ao seu legado, pois a iconologia surgiu do interesse do historiador pelo método interpretativo das alegorias medievais, no livro Estudos em Iconologia, publicado em 1939.

O termo iconografia, derivado das palavras gregas eikon e graphein, significando descrição e classificação de imagens ou descodificação, se apresenta como um ramo dos estudos de linguagem visual que analisa a origem e a formação das imagens. A iconologia, com o sufixo “logia”, representando pensamento, razão, denotando interpretação, é o estudo do simbolismo que estas imagens produzem. Ou seja, a sua interpretação, através do estudo abrangente do contexto cultural e histórico do objeto de estudo.

A análise, a partir da distinção de ambas as definições, estipulada por Panofsky, exercita o saber ver, através da descrição das imagens, propondo o estudo de seu conteúdo. No livro Estudo em Iconologia (1986), Panofsky configura a iconografia como o estudo da imagem em sua forma mais “crua” e a iconologia como o estudo do significado desta imagem.

Panofsky determina três níveis de análise para o objeto em questão: a pré-iconografia, a análise iconográfica e a interpretação iconológica. (FIG. 1)

OBJETO DA INTERPRETAÇÃO	ATO DA INTERPRETAÇÃO	EQUIPAMENTO PARA A INTERPRETAÇÃO	PRINCÍPIOS CORRETIVOS DE INTERPRETAÇÃO ( <i>História da Tradição</i> )
I. Tema primário ou natural - (A) fátual, (B) expressional - constituindo o mundo dos motivos artísticos.	<i>Descrição pré-iconográfica</i> (e análise pseudoformal).	<i>Experiência prática</i> (familiaridade com objetos e eventos)	História do <i>estilo</i> (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>objetos</i> e <i>eventos</i> foram expressos pelas <i>formas</i> ).
II. Tema secundário ou convencional, constituindo o mundo das <i>imagens, estórias e alegorias</i> .	<i>Análise Iconográfica</i> .	<i>Conhecimento de fontes literárias</i> (familiaridade com temas e conceitos específicos).	História dos <i>tipos</i> (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>temas</i> ou <i>conceitos</i> foram expressos por <i>objetos</i> e <i>eventos</i> ).
III. Significado intrínseco ou conteúdo, constituindo o mundo dos valores "simbólicos".	<i>Interpretação iconológica</i> .	<i>Intuição sintética</i> (familiaridade com as <i>tendências essenciais da mente humana</i> ), condicionada pela psicologia pessoal e <i>Weltanschauung</i> .	História dos <i>sintomas culturais</i> ou "símbolos" (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>tendências essenciais da mente humana</i> foram expressas por <i>temas</i> e <i>conceitos</i> específicos).

FIGURA 1 – Tabela dos três níveis de interpretação do método de Panofsky

A pré-iconografia seria o entendimento mais básico, consistindo na percepção do objeto em sua forma pura, ou seja, configurações de linhas e cores ou representativos de objetos naturais como seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas e assim por diante. Este o nível primário, é definido pelo aparente ou natural, subdividido em fátual e expressional. O mundo das formas puras é reconhecido como portadoras de significados primários que são chamados por Panofsky de mundo dos motivos artísticos.



A análise iconográfica se apresenta como o tema secundário ou convencional. É a análise de motivos artísticos e suas combinações (composições). Este segundo nível depende da assimilação dos elementos culturais e de conhecimento geral do leitor do objeto. Diferentemente do nível primário, a identificação deste segundo nível é inteligível ao invés de sensível, portanto, pertencente ao campo das interpretações.

O terceiro nível de significado intrínseco é representado pela interpretação iconológica. Neste nível, são feitas as análises dos elementos que marcaram historicamente o objeto. Os princípios da iconologia se manifestam, e, portanto esclarecem, através dos métodos de composição e da significação da iconografia.

A possibilidade de compreensão da estética simples e do estudo cultural sobre a importância da tradição e seus dos significados, muito marcante durante as décadas de 1960 e 1970, culminou na escolha deste método para a análise de capas de discos das bandas de rock psicodélico.

## **Análise das Capas**

### **1. Axis Bold as Love**

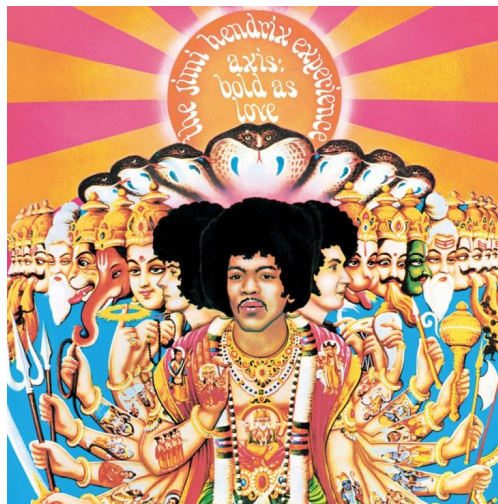


FIGURA 2 – *Axis Bold as Love* de The Jimi Hendrix Experience

*Axis: Bold as Love* é o segundo álbum de estúdio do grupo inglês The Jimi Hendrix Experience, lançado em 1967. Os designs da capa são David King e Roger Law.



### **1.1. Pré-iconografia**

Há a presença de cores fortes e complementares. Pessoas se encontram no centro, rodeada de figuras com características animais, orientais e diversos braços, todos com acessórios e tatuagens. Existem cobras acima dessas pessoas.

### **1.2. Iconografia**

Na Índia as cores caracterizam o estilo de vida e as tradições dos indianos. O simbolismo delas firma e controla aspectos religiosos, políticos e sociais da vida no país. Na Índia as infinitas interpretações e representações das cores são possíveis pela vastidão de seu país. Contudo, a origem das maiores delas está relacionada aos poderes místicos e as vidas dos deuses presentes em suas crenças religiosas.

A capa foi inspirada por uma tradição do hinduísmo que é a revelação de Krishna para Arjuna, deuses hindu, no Bhagavad-Gita, texto religioso do século IV A.C.. A obra é uma das principais escrituras sagradas da cultura da Índia, e compõe a principal obra da religião Vaishnava, que envolve várias ramificações de fé em Krishna, dentre as quais o popularmente conhecido movimento Hare Krishna, que foi difundido, a partir de 1965, no ocidente, por Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Líder religioso que nasceu em Calcutá, mas migrou para os Estados Unidos nessa época e surgiu como uma figura importante da contracultura ocidental.

A arte da capa traz a banda no centro como o deus Brahma, a energia criadora do inominável. Ele representa o deus da Divina Essência de onde tudo flui e para onde tudo retorna. A representação de Brahma é feita a partir de um homem com quatro rostos dos quais são visíveis apenas três já que a outra face está na parte posterior da cabeça. Os rostos representam os quatro quadrantes do universo.

Ao redor da banda estão deuses do hinduísmo e acima das cabeças deles é possível identificar cobras características da Índia. As Najas estão ligadas aos cultos religiosos do país e são reverenciadas na mitologia e cultura indiana. Elas são corriqueiramente vistas como serpentes de encantamento. Existem inúmeros mitos sobre cobras na Índia, um deles é o do deus Shiva, que é sempre representado com uma cobra ao redor do seu pescoço, simbolizando seu controle sobre o maya, termo filosófico que tem vários significados e, em geral, se refere ao conceito da ilusão que constituiria a natureza do universo. Maya é caracterizada pelo principal obstáculo para o desapego das seduções do mundo sensorial.

Uma curiosidade da época foi a decepção de Hendrix com a arte da capa. Apesar de ter apreciado o projeto simbólico, seu pedido na arte era a representação de seu lado "índio". Os designers da capa a princípio entenderam que o cantor se referiu a Índia, o



país do sul da Ásia, não a raça nativa americana, então arte da capa foi criada com Jimi e a banda representados como deuses hindus.

### 1.3. Iconologia

Todas as representações da capa são referência a religião Hindu e ainda nesta década, uma visão mística oriental da Índia foi firmada: O país era visto como uma terra de gurus psicodélicos com segredos e sabedorias antigas que poderiam libertar os jovens hippies do sistema opressor dos valores tradicionais. Porém, não há uma base concreta etnográfica para esta visão da Índia em relação aos músicos do ocidente associados ao consumo de drogas, como afirma Trent Cunningham (2011), contudo este estigma foi um símbolo poderoso na construção desta identidade. Cunningham ainda analisa a influência do que refere como orientalismo psicodélico sobre os artistas psicodélicos da época.

Estas músicas foram escritas por jovens músicos que viveram os últimos dias do Império Britânico, e por escrito, eles encenavam uma relação musical com a sua ex-colônia (Cunningham, 2011, p. 2).

### 1. Cellophane Symphony

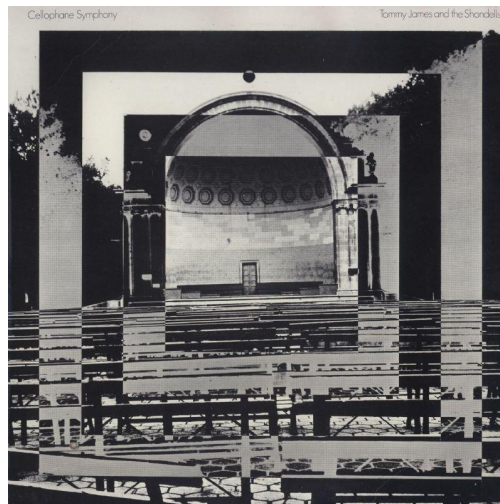


FIGURA 3 – *Cellophane Symphony* de Tommy James and the Shondells

*Cellophane Symphony* é o sétimo álbum do grupo americano Tommy James and the Shondells, lançado em 1969. O design da capa é de Rosa Schuth.



## 2.1. Pré-iconografia

Na arte da capa podemos ver um contraste em preto e branco de uma fotografia dos anos 60 com uma concha acústica e bancos vazios.

## 2.2. Iconografia

O contraste feito pelo preto e branco é um método utilizado na Op Art para explorar a falibilidade do olho, usando ilusões ópticas. Esse tipo de arte defende o uso de menos expressão e mais visualização e apesar do rigor com que é construída, simboliza um mundo mutável e instável, que não se mantém nunca o mesmo.

## 2.3. Iconologia

Op art é um estilo de abstração que se baseia em formas geométricas, linhas e justaposições de cores para criar ilusões de ótica para o telespectador. Ganhando popularidade na década de 1960 com artes muitas vezes apresentando padrões, grades e efeitos com curvas ou diminuição de objetos. O movimento de Op Art foi impulsionado por artistas que estavam interessados em investigar vários efeitos perceptivos.

## 2. Disraeli Gears



FIGURA 3 – *Disraeli Gears* de Cream



*Disraeli Gears* é o segundo álbum da banda inglesa Cream, lançado em 1967. O criador da capa do álbum é Martin Sharp.

### **3.1. Pré-iconografia**

Na capa há a presença de cores primárias. A natureza também é representada. Há a presença de flores, asas de pássaros e pavões.

### **3.2. Iconografia**

Arte da capa criada pelo australiano Martin Sharp é um ícone da arte fluorescente que explodia nos anos 1960. Para a capa, Sharp combinou uma foto da publicidade que tinha sido dada por Eric Clapton com alguns elementos vitorianos, rosas e penas. Desenhadas primeiramente em preto e branco, a capa recebeu a coloração fluorescente, pois Sharp tentava capturar o som das músicas na capa, que ele descreve como “som fluorescente e quente”.

O estilo da arte na capa do disco é inspirado na Art Nouveau, que pode ser considerado uma filosofia e um estilo de arte e arquitetura. O estilo foi mais prevalente entre os artistas das décadas de 1890 até 1910, contudo houve um ressurgimento na época hippie.

O estilo da Art Nouveau é uma reação à arte acadêmica do século 19 e foi inspirado por formas e estruturas naturais, não só em flores e plantas, mas também em linhas curvas. Os usos nas capas de rock psicodélico da Art Nouveau apresentam harmonia estética no design e na caligrafia da arte. A busca para completar todos os espaços disponíveis criavam oscilações de tamanhos e o alongamento das imagens.

### **3.3. Iconologia**

O uso da Art Nouveau é o desejo de retorno a natureza, mostrando assim o retorno as experiências mais primitivas do homem. As imagens criadas por esse estilo mostravam peculiaridades que só eram entendidas a partir de um ponto de vista diferente do comum. O culto à natureza, às emoções e ao primitivo são ideias perpetradas pelo Romantismo contrárias as artes neoclassicistas do século XIX. Esta quebra de valores fez com que os artistas sempre exprimissem um ponto de visto subjetivo, quebrando o laço da rigidez que regia a sociedade e as artes de sessenta.

De acordo com Robert Pattison em seu livro *The Triumph of Vulgarity: rock music in the mirror of Romanticism* (PATTISON.1987), o Romantismo do século XIX permeia o





rock no que concerne à sua poética, atitudes e mitologia. As artes acadêmicas, o distanciamento do homem e a análise fria e apenas contemplativa do estilo neoclassicista se opõem ao estilo romântico que valoriza o sentimento, as experiências e a emoção. Ainda segundo Robert, o rock é o Romantismo expresso em modo popular, o que para os ideais clássicos seria vulgar. O Romantismo, então deu abertura para que a vulgaridade triunfasse.

## 1. Odgen's Nut Gone Flake

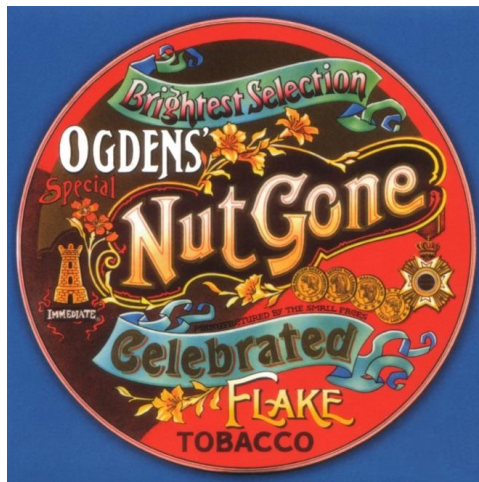


FIGURA 5 – *Odgen's Nut Gone Flake*, de Small Faces

*Ogdens' Nut Gone Flake* é o terceiro álbum de estúdio da banda inglesa Small Faces, lançado em 1968. A obra da capa é de Nick Tweddell e Pete Brown.

### 1.1. Pré-iconografia

A capa do disco *Odgen's Nut Gone Flake* parece uma lata gigante de tabaco.

### 1.2. Iconografia

O álbum foi lançado originalmente em um pacote circular como uma réplica de uma lata metálica de fumo gigante, dentro do qual havia um cartaz criado com cinco círculos de papel conectadas com fotos dos membros da banda. O design escolhido para a capa foi uma paródia da marca de tabaco inglesa *Odgen's Nut-brown Flake*.



## 1.1. Iconologia

Sabe-se que o tabaco é uma droga estimulante da atividade do sistema nervoso central que faz o cérebro trabalhar mais depressa, deixando a pessoa mais alerta e com “menos sono”. Contudo, o tabaco não é uma substância alucinógena. A escolha então pode estar ligada alta do consumo de cigarro nos anos 1970. O consumo era feito como um meio de contestar os valores da época, assim como as políticas regentes no mundo, autoritário em grande parte do mundo.

Porém, apesar da associação imediata ao tabagismo, há uma peculiaridade no uso das latas de tabaco na década de 1960. Nesta época, era uma prática popular estocar maconha nessas latas de estilo vitoriano, feitas por empresas como a *Odgen's*. A banda também queria sugerir que o álbum seria bom para ouvir acompanhado por um fumo, então eles mudaram 'Nut Brown' para 'Nut Gone', que em tradução seria que sua cabeça (“Nut” gíria inglesa) iria embora se você ouvisse este disco.

## Conclusão

O movimento de contracultura da década de 1960 envolveu uma variedade de preocupações sociais e crenças. As guerras culturais que começaram nos anos sessenta, sobre drogas, sobre incursões militares em países estrangeiros, sobre o sexo e os direitos humanos, o meio ambiente e assim por diante, ainda estão presentes nos dias de hoje.

Houve uma influência das drogas quando o quesito foi a criação das capas dos discos do rock psicodélico. Um ponto interessante é que foram diversas as influências que levaram o rock e a relação com as drogas como as representações do hinduísmo, da natureza, ilusões óticas e o mais direto a lata de tabaco. E da mesma maneira que estourou primeiramente nos Estados Unidos, também teve grande repercussão na Inglaterra, mas cada um com a sua peculiaridade própria.

O ponto chave no estudo, porém, foi a percepção que todos esses diferentes métodos de interpretação lutavam pela liberdade da mente, seja para sair dos problemas da época ou então para levar a arte ou a música para outro plano imaginário. A forma que eles tentavam essa libertação seria ou pelo retorno aos princípios mais básicos ou pela escolha de representação pela religião ou as revoluções.

## REFERÊNCIAS

BOTTINO, Clarissa. **Objeto visual – anos 60: Design e Psicodelismo**. PUC – Rio: Departamento de Artes e Design, 2006.



CUNNINGHAM, Trent. **Psychedelic orientalism: representations of india in the music of**. Disponível em: <http://d-scholarship.pitt.edu/10746/1/psychedelicorientalism.pdf>. Acesso em: 10 de dez. 2014.

MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MUGNAINI, Ayrton. **Breve História do Rock**. São Paulo: Claridade, 2007.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos em Iconologia: temas humanistas na arte do Renascimento**. Trad. Olinda Braga de Sousa. Lisboa: Estampa, 1986

\_\_\_\_\_. Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: \_\_\_\_\_. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PATTISON, Robert. **The Triumph of Vulgarity: rock music in the mirror of Romanticism**. New York: Oxford University Press, 1987.